

**BIBLIOTECÁRIAS/OS E OS MERCADOS DE TRABALHO: condição feminina e os estereótipos reprodutores da desigualdade de gênero**

Maria Mary Ferreira[[1]](#footnote-1)

RESUMO:

O mercado de trabalho do bibliotecário ainda não é reconhecido, nem valorizado, na maioria das vezes estes profissionais atuam de forma invisível. Tais assertivas são refletidas no Estado do Maranhão a partir de Pesquisa sobre Mercado de trabalho para os profissionais da informação (bibliotecários) no Maranhão. Através da pesquisa de campo com enfoque qualitativo e perspectiva dialética, foi possível perceber a pouca visibilidade desse profissional na sociedade maranhense, a predominância do gênero feminino nesta profissão assim como os estereótipos que dificultam o reconhecimento do bibliotecário no mundo do trabalho. A problemática das profissões vista como femininas, na qual podemos destacar as profissões de enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, bibliotecárias, entre outras, tem sido objeto dos estudos de gênero, embora se ressinta de estudos do ponto de vista econômico para avaliar como as relações patriarcais interferem nestas profissões e como estas são invisibilizadas na sociedade a partir de estereótipos. A imagem do profissional bibliotecário em questão está ligada de forma muito direta ao ambiente ao qual é instantaneamente vinculado: a biblioteca e suas variações na atuação das suas práticas profissionais. Deste modo a associação com o arrumar, organizar, retrata uma visão distorcida deste profissional, haja vista que a sociedade desconhece os processos cientificamente trabalhados por este profissional, ou seja, desconhecem que a organização da informação obedece a critérios científicos que permitem sua recuperação e socialização. Assim, prevalece na sociedade uma imagem distorcida, algo idealizado e propagado de uma identidade deturpada e carregada de preconcepções, contribuindo deste modo para a adulteração, do perfil deste profissional e irá interferir na visão do social do mesmo.

Palavras-Chave: Bibliotecários; Estereótipos; Mercado de Trabalho; Gênero; Maranhão.

**1 Introdução**

A informação é um mecanismo gerador e propagador de conhecimentos e, por conseguinte, imprescindível na formação de indivíduos configurando-se como uma forma de expressar liberdade individual e se concretiza no direito dos homens e das mulheres de emitir, expressar, receber e trocar ideias impressas, verbal, on line. Seu acesso e uso frequente abrem caminhos para o conhecimento de direitos e deveres, que leva a sociedade a tomada de decisões e possibilita mudanças. O conhecimento por sua vez é um gerador da informação que se alimenta de dados e reflexões estudadas, analisadas, criticadas, comparadas, verificadas, avaliadas em determinadas situações, problemas ou realidade. É o resultado da ciência, cujos métodos permitem construir indicadores e desnudar realidades a partir de dados que ao ser trabalhados intelectualmente, pode ser capaz de transformar a realidade social.

O aumento da produção de informação e a necessidade de organizá-la é um fator determinante para a emergência da profissão do biblitoecário no início do Século XX, embora sua prática profissional seja uma realidade desde a antiguidade com os filósofos, verdadeiros bibliotecários na arte de preservar a informação e o conhecimento e os antigos copistas que ao transcrever e duplicar livros, contribuíram enormemente para a multiplicação dos documentos que possibilitaram a guarda e socialização do saber para as gerações posteriores. A profissão do bibliotecário surge com as bibliotecas e a necessidade de organizar e sistematizar o conhecimento. Sua ascensão na antiguidade com as grandes bibliotecas, restritas aos reinos e depois na Idade Média restrita aos conventos e mosteiros contribuiu em grande parte para que esta profissão ou o fazer bibliotecário fosse visto como um campo restrito à nobreza, aos cléricos e posteriormente às elites.

Alguns acontecimentos contribuem para que a sociedade começasse a transformar de forma gradativa as relações de poder e consequentemente tornando o conhecimento, a informação, o livro, a leitura como bens sociais: a descoberta da prensa por Gutenberg (1455) que possibilita à edição de livros em maior número, transformando o conhecimento e o saber em um bem a disposição de um maior número de pessoas. A Reforma Protestante realizada por Martinho Lutero, que em 31 de outubro de 1517 quando publica suas 95 teses protestando contra a doutrina da Igreja Católica Romana, nesta Reforma os protestantes rompem com o sagrado e permite a tradução das biblias para que todos tivessem acesso ao livro e pudessem conhecer a palavra de Deus. A Revolução Francesa (1789) que traz o ideário de igualdade e liberdade e assim a ciência e o livro passam a ser vistos como estratégicos para a popularização do conhecimento. A revolução industrial (1750-1840) que permite que os livros fossem editados em escala industrial, fato que contribuiu para sua ampla propagação no mundo.

A popularização dos livros contribui para a ampliação das bibliotecas e com elas a emergência do bibliotecário, responsável pela organização dos acervos, embora ainda restrito a ampla maioria da população, seja pelas regras impostas pela elite conservadora que restringia aos pobres o direito ao conhecimento, seja pelo número ainda muito pequeno de alfabetizados.

Neste artigo, divididos em três momentos, refletimos sobre a profissão do bibliotecário, sua emergência no Brasil e como se deu o processo de inserção das mulheres no ínício do Século XX quando a estas foi permitido o aceso à educação e ao trabalho. Refletimos como esta profissão tem enfrentado dificuldades para ser reconhecida na sociedade em virtude dos esteriótipos que desqualificam ou distorcem suas práticas políticas e profissionais, discutimos também como as relações de gênero explicam essa desvalorização e o pouco reconhecimento que também é percebido em profissões como nutricionistas, professoras e assistentes sociais.

Apresentamos ainda considerações gerais sobre o resultado de estudo realizado no Maranhão sobre Mercado de Trabalho do Profisional Bibliotecário e as relações de gênero. O referido estudo envolveu pesquisa de campo com 97 bibliotecáriios de diversos campos de atuação e se caracteriza como um estudo qualitativo com perspectiva dialética, haja vista sua expectativa de contribuir com o processo de transformação desta categoria a partir dos dados apresentados no estudo.

**2. Algumas considerações sobre a Profissão de Bibliotecárias (os)**

Os primeiros cursos de formação bibliotecária no mundo datam do Século XIX, notadamente na França através da Ècole Nationale des Chartes, criada em 1821, e na Columbia University, criada em 1887, nos Estados Unidos por Melvil Dewey. No Brasil o primeiro curso foi criado pela Biblioteca Nacional em 1915. Antes da emergência dos cursos as atividades bibliotecárias eram realizadas em sua maioria por homens, religiosos e intelectuais. Estes consideravam as bibliotecas como espaços afeitos àqueles que tinham conhecimento ou que desejavam ampliá-los. As bibliotecas eram locais frequentados apenas pelas elites e durante muito tempo permaneceram inacessíveis aos pobres. (CASTRO, 2000)

Ao longo do Século XX, com a instauração definitiva da República no Brasil as bibliotecas passaram a ser consideradas espaços necessários a formação de educandos. Dessa maneira o Estado de forma gradativa passa a investir na criação de bibliotecas nas instituições públicas, especialmente bibliotecas públicas, escolares e especializadas como estratégia de criar uma sociedade leitora e fortalecer as instituições a partir de criação de redes de informação para alavancar o projeto de desenvolvimento que estava sendo implantado no Brasil a partir do governo de Getúlio Vargas.

Desse modo a partir dos anos trinta e quarenta do Século XX foram sendo criados cursos de formação bibliotecária em praticamente todos os estados da Federação. Em 1962 os bibliotecários tiveram sua profissão regulamentada, através da Lei n°. 4.084 de 30 de Julho de 1962 que classifica este profissional como um especialista responsável pelo gerenciamento, organização, administração e democratização da informação em diferentes suportes. A regulamentação da profissão despertou grande interesse pela profissão que emergia principalmente do público feminino que foram se tornando majoritário nesta profissão.

No Maranhão o Curso de Biblioteconomia foi criado em 1969 em um esforço da Universidade Federal do Maranhão, da Biblioteca Pública Benedito Leite e do Instituto Federal da Educação, antigo CEFET que ressentiam-se de profissionais qualificados para organizar os acervos e as políticas de informação desses órgãos. Nestes quarenta e sete anos de existência a Biblioteconomia como curso de graduação foi responsável pela formação de aproximadamente 1.200 (mil e duzentos bibliotecários) que atuam principalmente em bibliotecas públicas, escolares, jurídicas, especializadas, universitárias e ainda em arquivos, sindicatos e organizações não governamentais.

**3. Mercado Bibliotecário no Maranhão e a invisibilidade de uma profissão feminina: esteriótipos e relações de gênero**

Ao analisar a situação deste profissional no mercado de trabalho no Maranhão observa-se que o bibliotecário ainda não é reconhecido, nem valorizado, na maioria das vezes estes profissionais atuam de forma invisível. Tais assertivas são comprovadas no Estado do Maranhão a partir de Pesquisa sobre Mercado de trabalho para os profissionais da informação (bibliotecários) no Maranhão desenvolvido pelo PET Biblioteconomia[[2]](#footnote-2). Nesse estudo em questão, buscou-se refletir as relações entre trabalho e mercado do profissional da informação, as articulações entre este profissional e as organizações políticas que atuam no campo profissional e as relações de gênero.

Através da pesquisa de campo foi possível perceber a pouca visibilidade desse profissional na sociedade maranhense, a predominância do gênero feminino nesta profissão assim como a desarticulação desse profissional com as organizações de classe que refletem de forma muito direta na invisibilidade dos profissionais. Além desses pontos considerados emblemáticos para compreender os problemas enfrentados pela profissão e pelo profissional no Maranhão, observou-se ainda defasagem salarial desses profissionais, entre os quais os bibliotecários que atuam no campo das bibliotecas públicas e escolares, que pode ser considerado um trabalho precário dado às condições de trabalho e os salários aviltantes que os colocam na condição de indignidade, tendo em vista a dificuldade deste profissional para garantir sua sobrevivência e consequentemente sua humanidade. (FERREIRA, 2013)

A problemática das profissões vista como femininas, na qual podemos destacar as profissões de enfermeiras, assistentes sociais, nutricionistas, bibliotecárias, entre outras, tem sido objeto dos estudos de gênero, embora se ressinta de estudos do ponto de vista econômico para avaliar como as relações patriarcais interferem nestas profissões e como estas são invisibilizadas na sociedade a partir de estereótipos. A imagem do profissional bibliotecário em questão está ligada de forma muito direta ao ambiente ao qual é instantaneamente vinculada: a biblioteca e suas variações na atuação das suas práticas profissionais. Deste modo a associação com o arrumar, organizar, retrata uma visão estereotipada deste profissional, haja vista que a sociedade desconhece os processos cientificamente trabalhados pelos bibliotecários, ou seja, desconhecem que a organização da informação obedece a critérios científicos que permitem sua recuperação e socialização. Assim, segundo Ferreira; Oliveira; Ferreira, (2016) prevalece na sociedade uma imagem distorcida, algo idealizado e propagado de uma identidade deturpada e carregada de preconcepções, contribuindo deste modo para a adulteração, do perfil deste profissional e irá interferir na visão social do mesmo. Grande parte dessa distorção se explica pelos estereótipos que associam a imagem deste profissional a meros arrumadores de livros e a severidade relacionada com o controle dos acervos.

**3.1 Os estereótipos como norteador da imagem negativa do bibliotecário**

Os estereótipos são expressões utilizadas *de forma* preconcebida para classificar e determinar pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo social de forma a inferiorizá-las. Por se tratar de um termo marcado por valores que pode refletir tanto comportamentos, como aparências, condição financeira, raça e etnia, os estereótipos deixam marcas em virtude da interferência no imaginário social e causam impacto negativo na vida das pessoas e grupos sociais pela forma depreciativa, agressiva e muitas vezes até violenta como é expressa. Ao se fundamentarem em opiniões alheias, crenças e valores forjados no imaginário popular ou pelas elites, os estereótipos em muitas situações reforçam os preconceitos de orientação sexual, de raça e etnia, de gênero, classe social, religião e no caso dos bibliotecários reforça os preconceitos deste profissional no mundo do trabalho quando o associa a atividades meramente técnicas, sem racionalidade, ligadas em geral a ações de arrumar e controlar acervos.

Os estereótipos forjados no imaginário social a partir de preconcepções exercem um poder inestimável na formação de imagens que as sociedades vão construindo sobre as coisas, fatos e fenômenos. Para compreender como a imagem interfere no fazer bibliotecário e como os estereótipos forjam modelos que vem sendo reproduzidos no imaginário social ao longo da formação deste profissional é importante compreender o sentido de imagem e representação para assim analisar com mais cuidado como estes conceitos refletem na visibilidade e invisibilidade desse profissional uma vez que a imagem como os bibliotecários são representados repercute de modo negativo e até depreciativa sobre esse profissional

O conceito de imagem se insere na perspectiva de objeto de análise e pode ser percebida pelo ato de se imaginar, é aquilo que imita, espelha, ou seja, é como cada um de nós vê determinado objeto. A complexidade e abrangência do termo está relacionada a forma como cada pessoa constrói uma explicação sobre o objeto pois depende daquilo que vemos ou percebemos para poder distinguir o seu sentido. Para esclarecer melhor Rocho (2007) divide o sentido de imagem em dois campos: percepção e imaginação. Na percepção a imagem retrata a realidade, ou seja, aquilo que se vê expresso na imagem como representação visual. Exemplo uma foto, uma pintura, um desenho. É possível que ao ler cada um desses objetos por pessoas diferentes, cada uma terá uma imagem diferenciada. A imagem é também um reflexo da cultura, imaginação de quem está analisando. A imaginação por sua vez refere-se a imagens que criamos mentalmente, depende do contexto, da cultura ou lugar em que cada pessoa se situa. Desse modo as imagens podem expressar visões, fantasias, são, portanto, representações que podem traduzir uma realidade ou não, depende do olhar de quem está observando o objeto.

Para compreender o significado da imagem González e Arillo (2003, p. 48) apontam três níveis de significação: a) o que é evidente, ou seja, aquilo que se vê; b) o que é contextual, ou seja, aquilo que tem relação com contextos históricos ou alegorias familiares e o que é intrínseco e simbolicamente explicativo. É evidente que a relação do bibliotecário com a biblioteca explica de algum modo sua ligação com este campo de atuação. Porém, não se explica o fato da visão distorcida que o associa apenas ao ato de arrumar e organizar acervos, uma vez que este profissional sempre atuou no processamento e democratização do conhecimento e da informação, atividade que exige conhecimento científico na classificação, indexação, representação e planejamento da gestão de documentos, ato que qualifica este profissional no desenvolvimento da profissão.

Para Ferreira (2013, p. 13): O trabalho biblioteconômico não é meramente, repetitivo e mecânico, mas reflexivo, orgânico, metodologicamente planejado. O bibliotecário é um profissional que lida constantemente com o saber registrado seja através de suporte de papel seja através de recursos digitais direcionados para atender e satisfazer as necessidades de informações do usuário. É essa visão que os bibliotecários têm de seu trabalho.

Apesar dos esforços empreendidos para mudar a imagem negativa deste profissional ainda é muito comum ver a imagem do bibliotecário retratada de forma pejorativa e depreciativa, fato evidenciado em recente comentário feito na revista “Veja” em sua edição de 06 de setembro de 2010. Ao comentar a eleição da Presidenta Dilma Rousseff o jornalista enfatiza:

Eleita ou não neste domingo, a petista Dilma Rousseff teve de se render a essa realidade da exposição permanente e tratou de investir em uma repaginação que eliminasse resquícios do visual militante da juventude e do nada lisonjeiro look “bibliotecária solteirona” quando ministra. (MENDES, 2010, p.132-133).

A propagação dos estereótipos sobre a bibliotecária reproduzidos nos comentários da Veja sobre a presidenta Dilma Roussef retratam visões distorcidas deste profissional ainda pouco demandado de uma sociedade que pouco lê. Essa pouca leitura também reflete a ausência deste profissional na maior parte das bibliotecas brasileiras. Segundo dados do Censo Nacional sobre bibliotecas públicas editadas pelo Ministério da Cultura e Biblioteca Nacional em 2010. O censo constata que 80 % das bibliotecas municipais espalhadas nos 5.565 municípios brasileiros ressente-se deste profissional, subtende-se, portanto, que as poucas bibliotecas existentes nos municípios estão sob a gestão de pessoas não qualificadas no campo da biblioteconomia.

Ao analisar a ausência dos bibliotecários nas bibliotecas municipais e bibliotecas escolares da rede pública observamos que essa ausência incide sobre dois fatores em especial: a pouca visibilidade do mesmo pela sociedade, e a distorção dada a função das bibliotecas escolares, vista durante muito tempo como espaço de castigo. É importante ainda enfatizar que as bibliotecas escolares, assim como grande parte das bibliotecas municipais conforme dados do Censo acima citado, ainda estão sob a responsabilidade de técnicos administrativos e ou professores aposentados, ou com desvio de função, portanto não são profissionais qualificados para potencializar estes espaços de leitura e informação.

Assim os estereótipos vão sendo reproduzindo pelas crianças, jovens e adultos que passaram por experiências negativas tendo a biblioteca como zona de castigo e o “bibliotecário” como “arrumador de livros”, um controlador do acervo, controlador dos barulhos, eternamente pedindo silêncio e nem sempre preparado para o oficio.

**3.2 Gênero como categoria importante para analisar a desvalorização da profissão de biblitecárias (os)**

 Os estudos de gênero emergem no mundo acadêmico da necessidade de compreender a exclusão das mulheres e sua permanência na sociedade mesmo considerando os avanços sociais e políticos que a sociedade tem empreendido ao longo dos séculos. Esses estudos objetivamdesvendar formas de submissão das mulheres em diversos contextos, entre os quais o do mundo do trabalho no qual as mulheres estão em geral associadas a profissões de pouca demanda e em grande parte associadas a salários mais baixos, é o caso, por exemplo, das empregadas domésticas, das bibliotecárias, das nutricionistas e das professoras.

A construção histórica da categoria gênero está relacionada a adoção do termo pelas pesquisadoras feministas que buscavam uma forma de qualificar as distinções baseadas no sexo, antes trabalhadas no contexto das academias como “questões da mulher” ou “estudos sobre a mulher” e passaram a utilizar o termo gênero no seu sentido literal “como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1996, p.1). Por ser relacional recomenda-se que o termo seja analisado de forma comparativa, estabelecendo parâmetros entre os sexos, uma vez que somente podemos compreendê-lo quando estabelecemos relações entre ambos, o masculino e o feminino, não podendo, portanto, estudá-lo de forma separada.

Para ter um entendimento mais preciso sobre gênero, basta observar com atenção a sociedade que vivemos ou o lugar onde desenvolvemos nossas atividades. No trabalho, na política, nas igrejas, no lazer, convivemos permanentemente com relações de dominação, com relações de poder. São relações construídas a partir de vários fatores, entre eles, a educação e a cultura patriarcal, que separa meninas e meninos em mundo opostos. É a partir da educação diferenciada que o masculino se sobrepõe ao feminino e gradativamente vai transformando meninos em sujeitos dominadores ou como enfatiza Saffiotti (1987) “em machos“ que futuramente irá refletir nos atos e privilégios que estes vão incorporando de forma natural como se isso fizesse parte da sua própria essência.

Daí o porquê dos homens “naturalmente” assumirem os cargos de comando em praticamente todas as instâncias da vida pública e privada. São eles que administram a maior parte das riquezas e são eles que decidem e conduzem os destinos da maior parte das nações. No Brasil embora se tenha uma mulher presidenta, entretanto o legislativo, o judiciário e a maior parte dos cargos dos executivos estão sob a responsabilidade dos homens. Vejam as universidades: a maioria dos reitores e pró-reitores são homens, embora estes espaços acadêmicos sejam espaços onde as mulheres são maioria. Em geral cabem as mulheres as coordenações dos cursos e chefias de departamentos.

Os estudos das relações de gênero no Brasil, que emergiram na década de sessenta e setenta, hoje estão inseridos em grande parte das áreas acadêmicas demonstrando a importância de compreender esse fenômeno como parte de um processo de mudança necessária nas relações entre mulheres e homens. Na biblioteconomia, entretanto, esses estudos ainda não obtiveram a dimensão necessária que dê conta de compreender as muitas imbricações desta temática relacionadas com o mercado de trabalho, com as relações de poder e a desvalorização da profissão no mercado. As poucas iniciativas de pesquisadoras neste campo, embora tímidas, refletem hoje no reconhecimento da necessidade de incluir a perspectiva de gênero na descrição e/ou análise da realidade, haja vista ser esta uma forma de interpretar os contextos biblioteconômicos e sua forma de intervir nas realidades tendo em geral a mulher como protagonista.

Sabe-se que Biblioteconomia é uma profissão relativamente nova no Brasil, nasce no início do século XX, embora suas atividades já estivessem em funcionamento desde o período colonial, nos conventos, mosteiros e em bibliotecas particulares. Oficialmente a primeira grande biblioteca fundada no Brasil é a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, criada quando da vinda da família real ao Brasil em 1808 com o objetivo de difundir a cultura entre os brasileiros. Suas atividades eminentemente técnicas, voltada para o cuidado rigoroso dos catálogos e da classificação criteriosa do conhecimento foi sempre um campo propício para as “boas moças”. Porém, a diretoria/presidência da principal biblioteca do País em seus duzentos e nove anos de criação esteve a cargo de homens, as mulheres foram dirigentes em apenas três mandatos: Janice Melo Montelo em 1971, Célia Zaher em 1982 e Maria Alice Barroso em 1984. O quadro I a seguir demonstra como a cultura patriarcal marca a escolha dos dirigentes, fato surpreendente nos dias atuais quando a profissão de bibliotecário é formada em sua maioria por mulheres.

**Quadro I Dirigentes da Biblioteca Nacional (RJ) 1810-2013**

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **ANO** | **DIRIGENTE** | **ANO** | **DIRIGENTE** | **ANO** | **DIRIGENTE** | **ANO** | **DIRIGENTE** |
| 1810 | Frei Gregório Viegas | 1882 | João Gama | 1945 | Rubem B. Moraes | 1984 | Maria Alice Barroso |
| 1821 | Luiz Marrocos | 1889 | Francisco Sampaio | 1948 | Josué Montelo | 1990 | Affonso Romano |
| 1831 | Conego Antônio Delgado | 1894 | Raul Pompeia | 1956 | Celso Cunha | 1996 | Eduardo Portela |
| 1846 | Jose de Assis Barreto | 1900 | Cícero Peregrino | 1960 | José Elisio Condé | 2009 | Muniz Sodre |
| 1853 | Frei Camilo de Monserrat | 1924 | Mário C. Behring | 1971 | Janice de Melo Montelo | 2011 | Galeno Amorim |
| 1870 | Ramiz Galvão | 1934 | Rodolfo Garcia | 1982 | Célia Zaher | 2013 | Renato Lessa |

Fonte: Elaborado a partir dos dados de Carvalho (1994) site Biblioteca Nacional (2016)

Ao discutir a questão de gênero a partir das profissões percebemos que em algumas delas as mulheres predominam é o caso da Pedagogia, Enfermagem, Nutrição, Serviço Social, marcadas por forte presença de mulheres. Na mesma direção estão as profissões na área de Física, Engenharia, Matemática, Química, Ciência da Computação, nas quais os homens dominam, onde a presença das mulheres é na ordem de 20 à 30%, segundo estudos de pesquisadora do CNPq. (MULHERES, 2009).

 No caso da Biblioteconomia, para compreender melhor essa problemática é importante conhecer a história do curso e como foram construídos os estereótipos que desqualificam a profissão de bibliotecário e bibliotecária.

 As bibliotecas e as escolas passam a emergir a partir de século XIX quando os Estados Nacionais em formação reconhecem a necessidade de educar a sociedade e criar mecanismos de socialização da cultura. As lutas das mulheres iniciadas no século XVIII e intensificadas nos séculos XIX e XX começam a ser reconhecidas e estas passam a ser incorporadas de forma lenta no mercado de trabalho.

 A inserção das mulheres no mercado é associada as suas características biológicas, no qual são agregados valores como cuidar, arrumar, guardar, preservar. Tais valores estão relacionadas a visão que a sociedade reproduziu sobre as mulheres vistas como emotivas, submissas, passivas, obedientes, conservadoras, cumpridoras de dever, consideradas qualidades morais importantes para determinadas profissões. A esses fenômeno se associa a educação diferenciada que tende a reforçar nas meninas “as qualidades” da submissão e da domesticação que induz de algum modo as mulheres para as profissões que se identificam com este imaginário social de cuidar, organizar, orientar, educar. Assim, vão se justificando as escolhas e as mulheres vão sendo direcionadas às profissões cujas características reforçam e reproduz suas qualidades femininas: enfermeiras, assistentes sociais, professoras, bibliotecários.

 Ao refletir sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho no século XIX e XX observamos que este é marcado por preconceitos, exclusões e discriminações cujos reflexos se dão em um primeiro momento pela forma como as mulheres se inseriam, naquele período “eram permitidas às mulheres apenas algumas profissões, sobretudo aquelas mais substancialmente ligadas à reprodução, de uma forma ou de outra significavam uma extensão das atividades domésticas”. (FERREIRA, 2002, p. 172). Em um segundo momento essa discriminação se dá pelos salários desiguais, pela pouca inserção das mulheres em cargos de poder e ou de chefia, como bem evidencia o quadro I da Biblioteca Nacional.

Em finais do século XX a situação modificou-se substancialmente, as mulheres são quase a metade do mercado de trabalho, na ordem de 48%, esse número, porém, não alterou as relações de gênero e poder nas carreiras profissionais. As escolhas profissionais cuja inserção tem se efetivado através da educação superior continua reproduzindo os mesmos estereótipos do século passado, ou seja, reforçam as características biológicas ou o lado maternal das mulheres, conforme se evidencia em inúmeros estudos de Ferreira (2002, 2007, 2015).

Reflexão semelhante foi feita por Botassi (1984) pioneira dos estudos de gênero na Biblioteconomia. A autora considerava que as escolhas da profissão de bibliotecária se davam (e ainda se dão) por ser: “uma profissão adequada “à nossa natureza feminina”, considerando que a maioria das bibliotecárias são mulheres. Para Botassi (1984) assim como para Ferreira (2002, 2015), as mulheres, de acordo com sua socialização são levadas a prestar serviços ou cuidados que em geral levam a escolhas profissionais consideradas profissões “úteis” à sociedade, que reforçam e/ou “valorizam” sua “natureza feminina”.

No que se refere a salários Olinto (2006) estudou profissionais bibliotecárias/os, nutricionistas, assistentes sociais, entre outros pertencentes à área da Ciência e Tecnologia, a média de rendimentos por gênero salarial entre os homem é superior em relação às mulheres, em alguns casos há grande discrepância, chegando ao salário do homem ser maior na mesma função exercida pela mulher em torno de 79 %. Apesar das mulheres nos últimos anos estarem mais qualificadas que os homens no que se refere a entrada em cursos de nível superior, a vantagem salarial dos homens, especialmente nas áreas de Gestão, Biológicas/Saúde e Ciências Sociais e Humanas, é bem maior.

As diferenças entre gêneros no mundo do trabalho são bem acentuadas e mais perceptíveis no setor privado, visto que no setor público, há um nivelamento em virtude dos concursos públicos e pelas legislações que garantem igualdade salarial, porém, é frequente observar que os cargos de chefia ainda são escolhas marcada pelo gênero. Fato ainda mais grave é os cargos federais e estaduais ligados a setores do judiciário, onde as bibliotecárias estão subordinadas nos setores de informação a advogados sem qualificação e despreparados para o exercício profissional, sob o velho argumento de “cargo de confiança”.

Ao comparar a inserção de mulheres na Biblioteconomia com a da Ciência da Informação, Olinto, (1998) ressalta que nem mesmo a separação progressiva de ambas foi capaz de mudar o quadro predominante de mulheres em relação ao dos homens. Ainda para esta autora “pode-se afirmar que tanto a Ciência da Informação como a Biblioteconomia permanecem com altas proporções de mulheres, independentemente da vinculação forte que se estabeleceu originalmente entre ambas” (OLINTO, 1998).

Apesar das evidências percebemos que os/as profissionais bibliotecárias/os ainda não despertaram para o fato de que a desvalorização social da profissão tem como fator também o fato desta categoria ser predominantemente feminina. A pouca atenção que os/as profissionais bibliotecários/as têm dispensado às relações de gênero, contribui para a permanência da realidade vigente: uma profissão pouco valorizada pela sociedade.

Na última década novas exigências do mercado e da sociedade têm alterado gradativamente o perfil da/o bibliotecário/a. A entrada acentuada de homens nos cursos de graduação traz novas reflexões para o debate fazendo emergir a categoria gênero como um conceito importante para compreender o interesse dos homens pela profissão de bibliotecário

4. **Conclusões**

As sociedades de classe é formada a partir das relações mediadas pelo capital que se constitui o ponto central dos processos de exploração gerador dos conflitos e das classes sociais antagônicas. Se a classe se fundamenta nas relações de capital as relações de gênero por sua vez são construídas socialmente e se articulam no mundo político a partir da cultura patriarcal.

O conceito de patriarcado, explica a sujeição das mulheres tendo como princípio o exercício do poder dos homens, construído a partir das relações de dominação. Pode ser compreendido como um sistema de dominação e exploração das mulheres pelos homens desde o controle de sua sexualidade, perpassando os espaços público e privado, a partir das estruturas de poder que coisificam a mulher, anulando sua importância no contexto social e político. O patriarcado permanece na contemporaneidade através de mecanismos que se articulam na cultura política, reflexo de um mundo cujos conflitos e antagonismos ainda não encontraram formas de superar as desigualdades que impõe a mulher uma posição de subalternidade. (FERREIRA, 2010).

A problemática das mulheres se soma a dos negros e negras haja vista que a classe bibliotecária no Maranhão é composta por um número acentuado de negros e negras, porém há carência de dados e indicadores que reflita essa realidade e elementos para avaliar as questões emergentes daqueles que se situam nesta condição.

A discussão em torno destas categorias de análise é importante para compreender como se dão os processos de exploração do ser humano no mundo do trabalho, reflexo do modelo capitalista que vivenciamos. Bibliotecários, porém, não costumam criticar esse modelo dado os processos de alienação que contribui para que grande parte das categorias de nível superior que não conseguem estabelecer nexos entre os baixos salários e a exploração da sua força de trabalho. Situação semelhante é percebida no debate em que envolvem questões de gênero, raça e etnia consideradas categorias de análises estratégicas para entender as relações de dominação submetidas às mulheres e aos negros/as em especial as bibliotecárias em diferentes contextos.

Ao refletir sobre o verdadeiro papel do profissional da informação Freire e Araújo, (1999) consideram que sua função é abrir caminhos para exercer com responsabilidade social a profissão que tem como princípios:

[...] ajudar a facilitar o processo de comunicação na sociedade do conhecimento, principalmente no que se refere à aqueles que tem dificuldade de domínio dos signos linguísticos ou aqueles que por problemas de ordem física tem dificuldade de locomoção ou de leitura em suportes tradicionais. (FREIRE; ARAÚJO, 1999, p. 14)

Essa forma de pensar o profissional da informação transcende a visão formal das estruturas organizacionais já que implica em mudanças de postura e prática desse profissional. A mudança de postura passa pela consciência e apropriação do sentido do ser bibliotecário e a compreensão do valor e dimensão social do conhecimento e da informação.

A partir dos elementos apresentados evidencia-se a relevância deste estudo para a categoria bibliotecária no Brasil que, futuramente poderá ser utilizada como subsídio para se pensar e/ou repensar ações efetivas para transformar a realidade desse profissional a partir do conhecimento das relações de classe, gênero, raça e etnia que perpassam as relações de trabalho no mercado de trabalho dos/as bibliotecários/as.

 **REFERENCIAS:**

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de; FREIRE, Isa Maria. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. **Informação e Sociedade: Estudo**s, João Pessoa, PB, v. 9, n. 1, 1999. Disponível em: <http://informacaoesociedade.ufpb.br/919903.pdf>. Acesso em: 12 de abr. 2010.

BOTASSI, Mirian**.** Bibliotecário, profissão feminina. In: **Boletim da Associação Paulista de Bibliotecário,** São Paulo, 1984.

BRASIL. **Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais**: estudo quantitativo principais resultados. Ministério da Cultura. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010. 135p.

CASTRO, César Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira:** perspectiva histórica. Brasilia: Thesaurus, 2000.

FERREIRA, Maria Mary. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário em um universo de uma profissão feminina? In: **Encontro Latinoamericano de Bibliotecários e Archivistas y Museológos.** Perú. 2010. Recuperadoem 23 de junho de 2010, de http://ebam.gesbi.com.ar/reservorio10/ponencias2EBAM/2EBAM-E4-P2a.pdf.

FERREIRA, Maria Mary; Nascimento; Paulo Roberto; Ferreira, Lia Margarida. A imagem do bibliotecário nos desenhos animados: como são reproduzidos os estereótipos. Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, 13. Anais. São Paulo: jun. 2016**

FERREIRA, Maria Mary. A/o profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. In: CASTRO, César Augusto. **Ciência da informação: múltiplos discursos.** São Luís: EDUFMA; EDUFAMA, 2002. p. 161-181

FERREIRA, Maria Mary. **As caetanas vão à luta**: feminismo e políticas públicas do Maranhão. São Luís: EDUFMA; Grupo de Mulheres da Ilha, 2007.

GONZÁLEZ, José Antonio Moreiro; ARILLO, Jesús Robledano. **O Conteúdo da imagem**. Tradução de Leilah Santiago Bufren. Curitiba, EDUFPR, 2003. 134p.

MENDES, Mário. Vestida para mandar. **Revista Veja**, v.40, n.2185, p.132-133, 06 out. 2010.

MULHERES na Ciência. **Estudo sobre a participação da mulher na pesquisa**. DGP/Bolsas PQ. CNPq, 2009.

OLINTO, Gilda. Equilíbrio de gênero em ciência y tecnologia y el sector público en Brasil. In: **VI Congresso Ibero americano de Ciência e Tecnologia y Gênero**, 2006. Anais... Zaragoza: 2006.

ROCHO, Rodolfo Matos. O estereotipo do bibliotecário no cinema. 2007. 98 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.rabci.org/rabci/node/357>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS corpo, 1996.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. **Biografia da Biblioteca Nacional (1907 a 1990)**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

1. Professora Associada do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Políticas Públicas - UFMA, Doutora em Sociologia UNESP/FCLAr. Mestre em Politicas Públicas E-mail: mmulher13@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. O Programa de Educação Tutorial - PET Biblioteconomia criado em 1988 e que no período de 2008 a março de 2016 esteve sob minha coordenação. A pesquisa foi realizada no período de 2008- [↑](#footnote-ref-2)